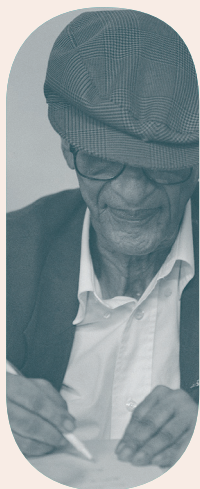


MARCEL SOUTO MAIOR

AS VIDAS DE
CHICO
XAVIER



NOVA EDIÇÃO AMPLIADA E ATUALIZADA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.



MARCEL SOUTO MAIOR

AS VIDAS DE
CHICO
XAVIER

NOVA EDIÇÃO AMPLIADA E ATUALIZADA



Copyright © Marcel Souto Maior 1994, 2003, 2022

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 1994, 2003, 2022

Todos os direitos reservados.

Preparação: Wladimir Araujo

Revisão: Cláudia Renata Gonçalves Costa, Rita Gorgati e Carmen T. S. Costa

Projeto gráfico e diagramação: Fabio Oliveira

Capa: Fabio Oliveira

Imagem de capa: Flávio Florido/Folhapress

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Maior, Marcel Souto

As vidas de Chico Xavier / Marcel Souto Maior. – 3. ed. ampl.
e rev. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

256 p.

ISBN 978-65-5535-725-7

1. Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002 – Biografia 2. Médiuns
– Biografia – Brasil I. Título

22-1628

CDD 920.913391

Índice para catálogo sistemático:

1. Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002 - Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.

SUMÁRIO

Introdução à nova edição: O homem que falava com os mortos	8
“Morre um capim, nasce outro”.....	11
O menino mal-assombrado	19
Muito prazer, Emmanuel.....	37
A pele do rinoceronte	45
Onde a grande certeza principia.....	53
Primeira entrevista com o além	58
O aprendiz de curandeiro	63
Humberto de Campos, o escândalo.....	89
Chuva de pétalas.....	123
A nova atração de Uberaba.....	141
Os mortos estão vivos	154
A vida desapropriada	176
Diante da morte	214
Epílogo.....	243
Agradecimentos.....	247
Bibliografia.....	249

“MORRE UM CAPIM, NASCE OUTRO”

Eram pouco mais de 19h30 de domingo — 30 de junho de 2002 —, quando o coração de Chico Xavier parou.

Chico tinha acabado de deitar-se na cama estreita de seu quarto acanhado para mais uma noite de sono. Pouco antes de dormir, ergueu as mãos para o alto, como sempre fazia, e rezou pela última vez.

Chico morreu em casa, como queria, sem dor nem sofrimento.

Poucas horas antes, ele chamou o enfermeiro que sempre o acompanhava. Precisava de ajuda para fazer a barba, mas Sidnei tinha viajado. A reação de Chico, ao saber da viagem, foi rápida e intrigante:

— Não vai dar tempo.

Nos últimos dias, a cozinheira da casa, Josiane Alberto, estranhou o comportamento de Chico. Bastava ela trazer um copo de água para Chico agradecer:

— Jesus vai te abençoar. Muito obrigado.

Passou a semana agradecendo. Era como se estivesse se despedindo.

Foi esta a sensação que teve o médium César de Almeida Afonso ao visitá-lo na semana anterior.

— Agora vieram todos — Chico disse ao vê-lo, depois de uma sucessão de visitas de outros médiuns.

O líder espírita morreu exatos oito dias antes da data em que seria alvo de uma série de homenagens e comemorações: os 75 anos de sua mediunidade.

Para os amigos mais íntimos, a morte, naquele momento, o poupou de novos desgastes com eventos e compromissos.

Chico planejou, com cuidado, a própria despedida.

Uma de suas principais preocupações era impedir que impostores divulgassem, após sua morte, supostas mensagens transmitidas por ele. Temia que, em busca de projeção, médiuns se apresentassem como portavozes de seu espírito.

Para evitar fraudes, Chico combinou um código secreto com três pessoas de sua confiança: o médico e amigo Eurípedes Tahan Vieira, o filho adotivo Eurípedes Higino dos Reis e Kátia Maria, sua acompanhante

nos últimos anos de vida. Três informações deveriam constar da primeira mensagem enviada do além.

Na tarde anterior à própria morte, Chico confirmou o código com Eurípedes Tahan e avisou:

— Vocês saberão quem sou eu.

Traduzindo: depois de morto, Chico revelaria um dos seus segredos mais bem guardados — quem ele teria sido na última encarnação.

Ele pensou em cada detalhe. Seu corpo deveria ser velado no Grupo Espírita da Prece durante 48 horas, para que todos tivessem tempo de se despedir, sem confusão.

O enterro seria feito no cemitério São João Batista, em Uberaba, a cidade que o acolheu em janeiro de 1959, quando Chico deixou para trás a família e os amigos da cidade natal, a também mineira Pedro Leopoldo.

Foram feitas, é claro, as suas vontades.

Quando a notícia sobre a morte dele se espalhou, fogos de artifício ainda espocavam nos céus de Uberaba e do Brasil. O país festejava a conquista do pentacampeonato da Copa do Mundo de futebol. O jogo decisivo aconteceu na madrugada de sábado para domingo.

Mas a principal notícia em Uberaba logo se tornou Chico Xavier. Repórteres, fotógrafos e cinegrafistas correram para a casa dele. O corpo do médium saiu de casa por volta das 23h30 pelo portão dos fundos rumo ao Grupo Espírita da Prece, o centro fundado por ele em 1975. Aplausos o saudaram na saída de casa e na chegada ao Centro.

Uma fila de admiradores logo dobrou o quarteirão e se prolongou dia e noite, por dois dias. A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros foram mobilizados e, de todo canto do país, chegaram os devotos de Chico Xavier.

Mães e pais que perderam filhos e foram consolados por ele; pobres que teriam morrido de fome ou de frio sem a ajuda dos mutirões que ele promovia; espíritas e não espíritas de todo o país, que aprenderam a ter fé com a ajuda de Chico.

As 48 horas de velório foram suficientes para que as caravanas de ônibus chegassem em paz. A Polícia Militar fez as contas: 2.500 pessoas por hora, em média, se despediram de Chico no Grupo Espírita da Prece. Ao todo, 120 mil pessoas. A fila para ver o corpo atingiu quatro quilômetros e chegou a exigir uma espera de aproximadamente três horas.

Coroas de flores foram enviadas de todo o país por políticos, artistas, admiradores anônimos, enquanto o prefeito decretava feriado na cidade,

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.

o governador anunciava luto oficial por três dias, e o presidente Fernando Henrique Cardoso divulgava uma mensagem sobre a importância do líder espírita para o país e para os pobres.

Em frente ao cemitério, uma de suas admiradoras, a florista Isolina Aparecida Silva, atravessou a rua, foi até a cova onde Chico seria enterrado e jogou lá no fundo, sem que ninguém visse, uma carta de agradecimento por tudo o que o médium fez por ela e pelo Brasil.

Isolina, 56 anos, tornou-se devota de Chico aos catorze, quando ele curou a sua enxaqueca crônica apenas com o toque das mãos.

Isolinas de todo o Brasil rezaram para Chico Xavier naqueles dias de despedida e conversaram com ele, nas breves passagens pela beira do caixão, como se Chico estivesse ouvindo cada palavra de saudade e de gratidão.

Na terça-feira — 48 horas depois da morte —, um carro do Corpo de Bombeiros estacionou em frente ao Grupo Espírita da Prece para transportar o corpo de Chico até o cemitério. Os cinco quilômetros do trajeto demoraram uma hora e meia para serem percorridos.

Mais de 30 mil pessoas acompanharam o cortejo a pé. O trânsito parou e um clima de comoção tomou conta da multidão.

A pedido de Chico, as flores das coroas — mais de cem, no total — foram distribuídas a quem acompanhava o corpo.

Na porta do cemitério, o caixão foi recebido com uma chuva de pétalas de 3 mil rosas lançadas de um helicóptero da Polícia Rodoviária Federal, ao som de músicas como “Nossa Senhora”, o canto de fé de Roberto Carlos, e “Pra não dizer que não falei das flores”, canção de protesto de Geraldo Vandré.

O corpo permaneceu na entrada do cemitério mais quarenta minutos antes de ser levado para a sepultura. Chico queria se despedir de todos. E se despediu como planejou, depois de construir uma trajetória única: a do menino pobre e mulato, nascido no interior de Minas, filho de pais analfabetos, que se transformou em mito, venerado, idolatrado, atacado, perseguido — um ídolo popular.

Foi a história dessa metamorfose que decidi contar quando desembarquei em Uberaba com uma tarefa ambiciosa: receber um sinal verde do próprio Chico Xavier para escrever sua biografia.

Na época, eu não tinha a menor ideia do quanto seria espinhosa, ou quase impossível, esta missão.

Aos 81 anos, atormentado por sucessivas crises de angina, abatido por duas pneumonias graves e castigado por uma catarata crônica, Chico vivia em repouso e — por recomendação médica — já não participava de sessões espíritas havia quase nove meses.

Eu teria de contar com o apoio de seu filho adotivo, Eurípedes, para conseguir visitá-lo em casa nas reuniões para poucos amigos aos sábados à noite. Não consegui passar pelo portão. Eurípedes preferiu preservar o pai de qualquer desgaste, e eu decidi iniciar a reportagem sem autorização de ninguém — nem do possível biografado.

Para romper o cerco, recorri a um artifício que não usaria hoje: uma, digamos, inverdade.

Telefonei para o outro filho adotivo de Chico, Vivaldo, responsável pela catalogação da obra do líder espírita, e me apresentei com uma história mal contada:

— Vivaldo, sou jornalista lá do Rio de Janeiro, de passagem aqui por Uberaba, e estou escrevendo uma reportagem sobre a história do espiritismo no Brasil. Você me receberia?

Vivaldo me convidou para uma visita e, solícito, ajudou-me, sem saber, a vencer os bloqueios iniciais: ele morava em um anexo nos fundos da casa de Chico e foi lá que eu entrei na noite seguinte com gravador e bloco à mão para a primeira entrevista.

Com a hospitalidade dos anfitriões mineiros, tratou de servir café enquanto eu despejava sobre ele as primeiras perguntas — as mais leves — sobre a obra de Chico e a responsabilidade dele, Vivaldo, de datilografar, classificar e arquivar os romances, poemas e crônicas vindos do além.

Eram quase quatrocentos livros e mais de 25 milhões de exemplares vendidos na época, de clássicos como *Parnaso de além-túmulo* (o livro de estreia) a *best-sellers* como *Nosso Lar* (o campeão de vendas, com mais de 1 milhão de exemplares distribuídos). Todos, sem exceção, segundo Chico, tinham sido transmitidos a ele por espíritos.

A pauta da conversa estava prestes a entrar nas perguntas mais complicadas — sobre a personalidade e a intimidade de Chico — quando uma campainha soou na sala.

— É meu pai. Ele tem um interruptor ao lado da cama. Deve estar precisando de ajuda. — pediu licença e se retirou.

Mal Vivaldo sumiu pela fresta da porta, senti um calor insuportável tomar conta da minha mão direita. Era como se ela estivesse pegando

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.

fogo. Uma sensação tão clara, que joguei a caneta sobre o sofá, saltei até a porta, girei a maçaneta e corri para o quintal.

Era noite fria em Uberaba e fiquei ali, sacudindo a mão de um lado para o outro, até Vivaldo reaparecer no alto da varanda, com a expressão contrariada.

— Parabéns, meu pai mandou dizer que seu livro vai ser um sucesso.

Só deu tempo de eu subir as escadas, me desculpar, buscar o gravador e o bloco na sala, me despedir e desaparecer.

De volta ao hotel, sentei no chão, entre as duas camas de solteiro do quarto simples, e liguei para a minha mulher na época, jornalista também, que, como meus colegas de redação do *Jornal do Brasil*, estranhava o tema do livro.

— Você não vai acreditar... — disse e comecei a contar o episódio da “mão que pegou fogo, talvez porque eu tivesse contado uma mentira”...

Ela ouviu tudo em silêncio e encerrou a conversa com uma observação e um conselho:

— Você saiu daqui completamente cético há dois dias e hoje sua mão já está pegando fogo?! Chega, né? Muda de assunto!

Tudo o que eu queria era não desistir. E o dia seguinte, sábado, não era um dia qualquer em Uberaba. Era dia de sessão no Grupo Espírita da Prece. Uma oportunidade de estudar o ambiente, anotar detalhes sobre o centro fundado por Chico na cidade, entrevistar os frequentadores mais assíduos, tirar fotos, ganhar tempo e, talvez, a confiança dos dirigentes da casa espírita, entre eles Eurípedes, que conduziria a sessão.

E lá fui eu. Dava para contar nos dedos o número de participantes do culto reunidos na casa simples, com piso de cimento e telhas descascadas no teto. Éramos catorze — todos sentados a dois metros de distância da mesa comprida onde, até o ano anterior, Chico Xavier causava comoção ao fechar os olhos e pôr no papel mensagens de mortos a suas famílias na Terra.

Com a ausência de Chico nas sessões dos últimos meses, as multidões do ano anterior reduziram-se até chegarem naquele punhado de gente disposta a acompanhar a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, e a análise de temas como compaixão e solidariedade.

Sentei no banco de madeira em frente à mesa ocupada pelos dirigentes da sessão e, minutos depois, levei um susto quando vi surgir, do lado esquerdo do salão, em um terno largo demais para o corpo frágil, a figura alquebrada de Chico Xavier.

Com um sorriso sereno, amparado por dois assistentes, ele caminhou a passos lentos em direção à cabeceira da mesa e tomou seu lugar, diante de um copo de água, para ouvir em silêncio, de olhos fechados, a leitura de trechos de obras de Kardec. Em seguida, rezou um pai-nosso com um fio de voz.

Durante todo o tempo, eu só pensava em questões práticas: em como me aproximar, como me apresentar e como conseguir sua autorização para escrever a biografia. Emoção? Nenhuma, além de tensão. Enquanto ensaiava meu discurso, comecei a sentir gotas e mais gotas caírem sobre minha camisa. Olhei para o teto em busca de alguma goteira e nada. Nem chovia em Uberaba.

Demorei a entender e a acreditar no que estava acontecendo. As gotas caíam dos meus olhos. Eram lágrimas, que escorriam à minha revelia, sem nenhum controle, aos borbotões. Jorros sem emoção nem consciência. Como nunca tinha acontecido antes nem aconteceria depois.

Só depois de alguns minutos, a “chuva” parou e eu pude “ensaiar” melhor a minha apresentação, em silêncio, mentalmente, até que chegasse a hora. E chegou.

No fim da sessão, eu me aproximei de Chico e fui direto ao assunto com a desinibição e arrogância típicas dos jovens jornalistas:

— Chico, trabalho no *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, e vim pedir autorização para escrever sua biografia.

Chico me surpreendeu com uma resposta bem mineira.

Nem sim, nem não:

— Deus é quem autoriza.

E agora? Pensei rápido e reagi com uma pergunta bem carioca:

— E Deus autoriza?

Chico ficou em silêncio — dois, três segundos —, olhou para o alto e respondeu com um meio sorriso de quem exercitou, ao longo de toda a vida, a bendita paciência:

— Autoriza. Conversa com meus amigos, com minha família. Eu falo por último, porque estou doente e preciso me tratar.

Era tudo o que eu precisava ouvir.

Ao longo dos 92 anos de vida — 74 deles dedicados a servir de ponte entre vivos e mortos —, Chico escreveria mais de 500 livros, venderia mais de 50 milhões de exemplares e doaria toda a renda, em cartório, a instituições de caridade:

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA E REPRODUÇÃO PROIBIDAS.

— Os livros não me pertencem. Eu não escrevi livro nenhum. “Eles”, os espíritos, escreveram — repetiria, sem cessar, para admiração de muitos e desconfiança de outros tantos.

Em fevereiro do ano 2000, Chico foi eleito o Mineiro do Século em votação que mobilizou a população de todo o estado de Minas Gerais e o consagrou, mais uma vez, como fenômeno popular. Couberam a ele exatos 704.030 votos — o suficiente para derrotar concorrentes poderosos como Santos Dumont (segundo colocado), Pelé, Betinho, Carlos Drummond de Andrade e Juscelino Kubitschek (o sexto colocado).

Recluso, doente, afastado dos holofotes, Chico continuava vivo, firme e forte, na lembrança do público.

No ano seguinte, ele foi internado com pneumonia dupla, em estado grave, num hospital de Uberaba. Ao gravar imagens da fachada do prédio, um cinegrafista registrou uma aparição inusitada: um ponto luminoso vindo do céu se deslocou em alta velocidade na direção da janela do quarto onde Chico estava.

O médico Eurípedes Tahan Filho acompanhava o paciente e diagnosticou: logo depois desta aparição, o quadro clínico de Chico mudou. “A febre desapareceu, a respiração melhorou e ele ficou mais alerta.” Dois dias depois, Chico teve alta.

As imagens foram exibidas no programa *Fantástico*, da Rede Globo, logo após a morte do médium. Reflexo na lente da câmera? Fraude? Ajuda espiritual? Milagre? Engenheiros entrevistados descartaram a hipótese de adulteração da imagem e não conseguiram explicar a origem da luz. Mais um mistério em torno de Chico.

Numa das últimas conversas que tive com ele, toquei num tema delicado: sua sucessão. Haveria um novo Chico Xavier?

Chico, que se definia como um “Cisco”, encerrou o assunto com poucas palavras:

— Morre um capim, nasce outro.

Ele falava sério.